

## O DESTINO DE JOVENTINA

Carlos Sandroni

Joventina é uma boneca de madeira, de cor negra e cerca de 30 centímetros de altura, que hoje se encontra exposta em uma das salas do Museu do Homem do Nordeste, no Recife. Até o início dos anos 1960, ela era reverenciada pelos integrantes do Maracatu Nação Estrela Brilhante, da mesma cidade, que a portavam durante seus desfiles no Carnaval e em outras ocasiões, e tal como acontece até hoje nesses grupos populares, a consideravam como uma entidade espiritual, ou “calunga”, termo cujo sentido preciso vem desafiando a curiosidade dos pesquisadores desde Mário de Andrade, que dedicou um ensaio ao tema. (1935; retomado em ANDRADE, 1982)

Maracatus são agrupamentos de origem afro-brasileira típicos de Pernambuco, cujo desfile, que hoje acontece sobretudo por ocasião do carnaval, representa o cortejo, ao som de uma sonora orquestra de percussões, de um rei e uma rainha negros.

Os primeiros registros históricos do Maracatu Estrela Brilhante do Recife datam de *circa* 1910. Testemunhos orais relatam que o grupo foi fundado por um certo Mestre Cosmo, natural da cidade de Igarassu, que fica 60 quilômetros ao norte do Recife. Ora, na cidade de Igarassu existe outro maracatu de baque virado – na realidade, trata-se hoje do único maracatu de baque virado existente fora da cidade do Recife – que também atende pelo nome de Estrela Brilhante e possui uma calunga de nome Joventina. O Maracatu Estrela Brilhante de Igarassu é mais antigo que o de Recife. Sabemos disso por documentos históricos, mas também por testemunhos orais, como o da matriarca do grupo, Dona Mariú, falecida em 2002 aos 104 anos, e que até pouco antes ainda participava dos desfiles do grupo em sua cadeira de rodas. Parece provável que a origem do Estrela Brilhante de Recife esteja ligada à mudança de Cosmo, que em sua nova cidade quis dar ao grupo que criava o mesmo nome daquele de sua cidade natal.

Tanto o Estrela Brilhante de Igarassu quanto o de Recife passaram por altos e baixos ao longo do século XX. O primeiro esteve inativo nos anos 1980 e ressurgiu no meio dos anos 1990, em parte graças ao apoio do folclorista Roberto Benjamin, que ajudou a promover uma espetacular cerimônia coroação de Dona Mariú, gravada e levada ao ar pela Rede Globo, depois da qual a Prefeitura da cidade passou a apoiar o grupo financeiramente (BENJAMIM, 2006). O segundo se dissolveu por volta de 1964, logo após a passagem pelo Recife da folclorista norte-americana Katarina Real, que fez pesquisas no grupo, reportadas em seu livro *O Folclore no Carnaval do Recife* (REAL, 1990). Quando da dissolução, a rainha do maracatu chamou Katarina Real e lhe contou que, durante uma cerimônia religiosa, uma entidade espiritual lhe ordenara que entregasse Dona Joventina aos cuidados da pesquisadora. Katarina relata a história em artigo muito posterior (1996), e diz que hesitou, mas acabou aceitando a oferta, entre

<sup>1</sup> Bacharel em Sociologia pela PUC/RJ (1981), com mestrado em Ciência Política (Ciência Política e Sociologia) pela Sociedade Brasileira de Instrução - SBI/IUPERJ (1987) e doutorado em Musicologie pela Université de Tours (Université François Rabelais) (1997). Atualmente é Professor adjunto da Universidade Federal de Pernambuco.

outras razões porque a ditadura militar acabava de se instalar no Brasil e o futuro de qualquer tipo de associação popular parecia-lhe incerto.

Joventina foi assim para os Estados Unidos com Katarina Real, e lá passou longos anos. Vamos deixá-la lá por um momento, para ver o que aconteceu com o Maracatu Estrela Brilhante de Recife, que nesse ínterim fazia outra espécie de viagem, e ressurgia em outros locais e em novas mãos.

Num contraste com o que acontece nas escolas de samba do Rio de Janeiro, a continuidade temporal dos maracatus do Recife não tem sido caucionada pela ligação com uma comunidade geograficamente estabelecida. No caso dos grupos cariocas, isso já fica patente em seus nomes: Estação Primeira de Mangueira, Acadêmicos do Salgueiro ou União da Ilha, as escolas de samba se definem pelo pertencimento geográfico a localidades do Rio de Janeiro. Já os nomes dos maracatus de baque virado – Leão Coroado, Elefante, Sol Nascente e outros – não fazem qualquer alusão geográfica, e de fato para seus integrantes o que define o sentido de identidade do grupo não é a continuidade geográfica. Assim, o Leão Coroado já foi nos bairros de S. José, Afogados, e agora é no de Águas Compridas; o Porto Rico, que já foi na zona norte da cidade, fica hoje no bairro do Pina, em plena zona Sul; e o Estrela Brilhante, que quando se dissolveu estava no bairro de Campo Grande, foi refeito no Alto do Pascoal, e hoje tem sede no Alto José do Pinho.

Quando os maracatus mudam de comunidade, mudam de pessoas também. O atual líder dos batuqueiros do Estrela, Mestre Valter, foi durante muitos anos colaborador de Luís de França, o legendário líder do Leão Coroado, morto em 1997. Os atuais integrantes dos maracatus do Recife regra geral não são, pelos critérios usuais – pertencimento geográfico ou étnico, relação familiar, tradição oral – portadores de heranças culturais particulares de seus grupos (pode-se argumentar, no entanto, que eles são, pelos mesmos critérios, portadores da herança cultural do maracatu de baque virado da cidade do Recife visto em seu conjunto). O que é curioso é que essa recriação permanente dos maracatus do Recife não se faz, nos meios populares, apenas pela criação de novos grupos, mas também pela transmissão a novas pessoas e a novos lugares dos mesmos nomes, que de fato significam para eles os mesmos grupos.

O que se transmite junto com estes nomes são práticas religiosas ligadas ao culto dos orixás, e em certos casos também ao culto da jurema, religião popular com fortes referências ameríndias. O caso do Estrela Brilhante é uma boa ilustração. A história deste maracatu foi estudada em detalhe por Virgínia Barbosa (2001) e Cristina Barbosa (2001), a quem devo as informações que apresento a seguir.

Após a dissolução do grupo em 1966, passaram-se alguns anos sem que houvesse Estrela Brilhante no carnaval do Recife. Mas no início dos anos 1970, a rainha do Leão Coroado, Maria Madalena, teve um desentendimento com o já mencionado Luís de França, e afastou-se deste grupo. Em busca de um novo maracatu, aliou-se a um senhor conhecido como Cabeleira, uma espécie de mediador da cultura popular, como tantos outros que existem no Recife: alguém com contatos junto a autoridades municipais e junto à Federação Carnavalesca, capaz de conseguir subvenções e contatos para apresentações. Juntos, resolveram recriar o Estrela Brilhante, confeccionando uma nova boneca Joventina, e cumprindo determinadas obrigações cerimoniais junto a casas de xangô, e em especial em relação a uma entidade espiritual do culto da jurema, Mestre Cangarussu, que é tido como o principal guia espiritual daquele maracatu.